

turismo

FOLHA DE S. PAULO

Ecoturismo tem pele de cordeiro mas esquece respeito ao ambiente

Seminário leva ambientalistas, operadoras, Embratur e Ibama a Ilhéus

ISABELA BOSCOV

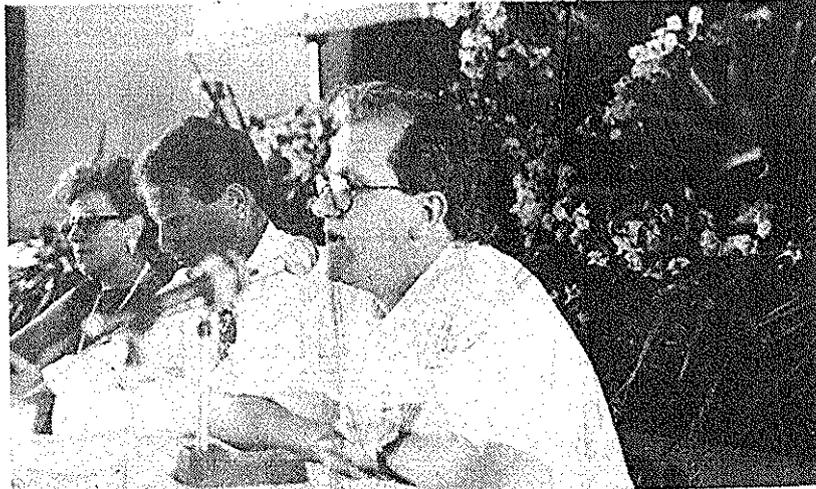
Enviada especial a Ilhéus (BA)

Um lobo travestido em pele de cordeiro. Para muitos dos participantes do 1º Seminário Nacional de Turismo Ecológico, realizado em Ilhéus (sul da Bahia) entre 30 de outubro e 1º de novembro, esse é o traje mais usado pelo ecoturismo em suas incursões pelo Pantanal matogrossense, floresta amazônica, praias selvagens e áreas de interesse ecológico em geral —inclusive aquelas sob proteção.

A roupagem atrai visitantes e operadoras por ser um filão ainda pouco explorado. Mas, de modo geral, falta uma peça básica: o respeito ao local visitado e sua conservação. Qualquer intenção ecológica de uma visita ao Pantanal, por exemplo, desmonta quando o guia dispara rojões em ninhais para provocar revoadas de pássaros e beneficiar as máquinas fotográficas dos viajantes.

Para João Paulo Capobianco, presidente da SOS Mata Atlântica e um dos convidados para o seminário em Ilhéus, o ecoturismo surge agora “como a panacéia que vai salvar o Brasil. O fato é que não tem sido nem eco, nem lógico, só turismo”. Capobianco avalia que, para merecer esse nome, o ecoturismo enfrenta limitações e não pode ser a única —ou a principal— atividade econômica de uma região.

A primeira dificuldade enfrentada pelos participantes do seminário foi, aliás, definir o que



João Paulo Capobianco (à dir.) fala no seminário em Ilhéus

seria ecoturismo. Ambientalistas, donos de operadoras especializadas, representantes do Ibama e da Embratur, estudantes de turismo e curiosos se indagavam se o termo deveria pressupor educação ambiental, se as viagens de aventura estariam incluídas, se qualquer lugar bonito seria um lugar de ecoturismo. Ao final, ganhou o conceito usado por um dos principais alvos de críticas durante os debates: a Embratur.

Para a entidade federal, o ecoturismo acontece em locais com potencial ecológico, concilia exploração turística e conservação, oferece ao turista um “contato íntimo com os recursos naturais e culturais” da região e busca a consciência ecológica e o desenvolvimento sustentado. Segundo Maria das Graças Duvanel Rodrigues, membro da comissão técnica do Projeto Turismo Eco-

lógico Ibama/Embratur, esse programa começou em 87. Foram selecionadas agências, roteiros e atrativos —divulgados em um guia—, e elaborados um curso para especialização de guias e uma campanha promocional.

Até o final deste ano, diz Maria das Graças, as operadoras turísticas deverão receber um manual sobre o assunto. O projeto prevê ainda estudos de mercado e a avaliação periódica do impacto sofrido pelas áreas visitadas.

A Embratur, no entanto, afirma não dispor de condições para entrar em contato com todas as agências do país, e diz que a iniciativa deve partir delas. Os cursos de guia também estão à disposição, mas somente são ministrados mediante solicitação dos Estados. Outro problema é o que fazer com os abusos. Maria das

Graças diz que a Embratur é um órgão “orientador, não fiscalizador”, e pode advertir transgressores. No caso de reincidência, porém, os recursos são vagos: “talvez” uma multa do Ibama, “talvez” a cassação do direito de operar na área.

Sobraram críticas também ao Ibama. Muitas das unidades de conservação (parques, estações e reservas) do país ainda não estão implantadas —em algumas nem ocorreu a desapropriação de terras—, não têm planos de manejo ou não contam com fiscais em número suficiente. “Não acredito na capacidade gerencial do governo”, diz Fernando Alves de Almeida, que por 15 anos esteve à frente da Feema (agência ambiental do Rio). Ele sugere que alguns parques passem às mãos de entidades não-governamentais e sirvam de modelo de gerenciamento. “Proibir o acesso é uma burrice. É preciso educar para ganhar aliados”, afirma.

Entre as conclusões do seminário, por exemplo, está a de que é preciso haver visitação para que os visitantes se sintam responsáveis. Outros itens chamam a atenção para o potencial do ecoturismo de gerar empregos e renda aos municípios, com menor impacto ambiental e social do que os empreendimentos imobiliários, e para a necessidade de criar recursos humanos e divulgar o turismo ecológico no Brasil e no exterior.

ISABELA BOSCOV viajou a Ilhéus a convite da organização do 1º Seminário Nacional de Turismo Ecológico.